

Revista Adventista

Colecta em favor da rádio:

17 DE MAIO

Por M. Fridlin

Secretário do Departamento da Rádio
da Divisão Sul-Europeia

A igreja adventista devia constantemente ter a consciência do dever imperioso que lhe é imposto: aproveitar todas as ocasiões para levar rapidamente às multidões que povoam a terra a mensagem da volta gloriosa do Salvador. Há anos, a Serva do Senhor escreveu o seguinte:

«Nestes tempos perigosos, não devemos negligenciar nenhum dos meios ao nosso alcance para advertir a humanidade. Devemos manifestar um profundo interesse para com tudo o que possa deter a maré do pecado. Trabalhai, tende fé em Deus.» — *Evangelism*, p. 63.

Deus ajudou-nos a pôr este conselho em prática por meio da página impressa, das campanhas de evangelizaçãõ, da obra escolar, da imprensa e de outros métodos eficazes na pregação do Evangelho eterno a um mundo perdido. Finalmente, no curso dos últimos anos, uma nova possibilidade de evangelizaçãõ — com que ninguém teria sonhado há apenas algumas décadas — veio juntar-se às já existentes. Trata-se da Rádio, que nos permite atingir multidões dificilmente acessíveis à Verdade por outros meios. Graças a ela, a Palavra de Deus pode penetrar em muitos lares e tocar o coração de numerosas pessoas.

Nossos programas radiofónicos em diferentes línguas são cada vez mais apreciados pelos ouvintes. As emissões educativas do Irmão Maurice Tièche conhecem um sucesso inesperado: as cartas afluem ao escritório do seu animador. Um pastor protestante do Sul da França, ouvinte assíduo dessas palestras, escreveu há pouco:

«Creio saber que fazeis parte da igreja adventista. Se muitos dos seus membros estão animados do vosso espírito, sinto-me feliz por saudar neles verdadeiros irmãos em Cristo que eu desejaria conhecer pessoalmente.»

Que belo testemunho! Ele prova que a bênção de Deus repousa sobre as nossas emissões.

O número dos membros baptizados graças à obra da Rádio e dos cursos de Bíblia por correspondência, que completam, elevava-se a mais de 400 na nossa Divisão no fim do ano passado. Mais de 42.000 pessoas se inscreveram em nossos cursos. Puderam formar-se grupos de membros em regiões onde antes não se encontrava nenhum adventista, e onde, sem a Rádio, não haveria hoje nenhum. Pensamos muito particularmente no grupo tão interessante de Lisieux.

Mesmo em nossos campos longínquos, como Madagascar, Reunião, Maurícia, as emissões radiofónicas tornaram-se para os nossos missionários um auxiliar precioso de que jamais desejariam ser privados. Só em Madagascar, 25 almas puderam ser baptizadas no curso dos primeiros nove meses de 1951, como resultado desta actividade. Desde o início deste ano, um programa em língua espanhola é igualmente difundido pelo posto «Radio Internationale» de Tânger.

Deus tem pois ricamente abençoado esta obra, pelo que Lhe estamos gratos. Temos agora de olhar para o futuro e procurar novos meios de a desenvolver.

Certo número de postos emissores em diferentes países de nossa Divisão estão dispostos a vender-nos tempo para nossas emissões da «Voz da Esperança». É o caso de Marrocos francês e da África Ocidental Francesa. As missões portuguesas que nos foram ultimamente ligadas reclamam tam-

bém um programa radiofónico na sua língua. Os presidentes de todos estes campos intercedem infatigavelmente junto de nós para que aproveitemos sem tardar as ocasiões oferecidas. Mas devemos confessar que os nossos recursos actuais não bastam sequer para manter o trabalho em curso. Nestas condições, como difundir novos programas, organizar cursos por correspondência suplementares e fornecer o acréscimo de esforço que se espera de nós?

Em 1950, a colecta em favor da obra da Rádio rendeu 2.848 dólares. Em 1951, quando pensávamos recolher o dobro desta soma, subiu a 4.078 dólares. Apreciamos muito o sacrifício consentido por nossos membros, mas somos obrigados a verificar que este resultado mal basta para prover às necessidades mais urgentes. Não teremos nenhuma possibilidade de extensão se os fundos de que dispomos não acusarem no próximo futuro um aumento considerável.

Não perdemos a coragem. Temos fé em

Deus e confiança em nossas igrejas. É esse o motivo pelo qual ousamos propor como alvo de nossa colecta em favor da Rádio este ano a soma de 7.000 dólares.

Em face de uma humanidade prestes a receber o Evangelho por meio das ondas e de nossos cursos bíblicos, sabemos que as nossas igrejas responderão de comum acordo e com entusiasmo aos sinais da Providência, e que se levantarão ao apelo do Mestre, que as convida a avançar. Sem querer profetizar, podemos desde já exprimir a convicção de que o resultado da colecta de 17 de Maio próximo ultrapassará nossa expectativa, porque conhecemos a admirável consagração de nossos prezados membros e de nossos obreiros e a sua perfeita compreensão dos problemas que temos de enfrentar.

Que Deus ajude cada um de nós a contemplar pelos olhos da fé as magníficas searas que se levantam a pouco e pouco no mundo graças à obra da Rádio, e a fazer desta colecta um sucesso sem precedentes!

O LAVA-PÉS

Por CH. GROSS

Sendo uso na Palestina caminhar de pés descalços ou de sandálias por caminhos em geral poeirentos, compreendemos que o lavar os pés seja a primeira precaução a tomar ao entrar em casa.

«É por isso que, quando David aconselhou a Urias para passar pelo menos uma noite no domicílio conjugal, lhe disse: 'Desce a tua casa e lava os teus pés'. 2 Sam. 11:8.

«Compreende-se que uma das primeiras regras da hospitalidade oriental exija que se ofereça ao hóspede com que lavar os pés. Assim fez Abraão aos três varões que o visitaram. Gén. 18:4.

«Assim fez Labão a Elieser (Gén. 24:32), bem como o intendente da casa de José aos seus irmãos (Gén. 43:24). Assim pôde Jesus, sem surpreender ninguém, queixar-se de que esta regra não fosse observada a Seu respeito. Luc. 7:44.

«Havia de resto uma diferença notável na cortesia, segundo se deixasse ao hóspede o cuidado de lavar os próprios pés ou se lhe prestasse esse serviço pelos escravos, ou, na falta deles, pela esposa. 1 Sam. 25:41.

«Mas o cúmulo da polidez consistia em o dono da casa desempenhar essa humilde função. Foi precisamente por uma condescendência deste género que Cristo quis, no último dia da Sua vida, inculcar fortemente nos Seus discípulos uma lição de caridade, de humildade e de respeito mútuo. João 13:15.» (*Dict. de Théol. Cathol.*, de Vacant, Magenot. Fascículo LXX, Art. «Lavement des pieds», col. 16).

Lição de humildade

O evangelista Lucas conta que, no dia em que Jesus lavou os pés aos Seus discípulos, se levantou uma disputa entre os apóstolos para saber qual deles devia ser considerado o maior. (Luc. 22:24).

É claro que o lava-pés operado por Jesus

tinha por fim dar uma lição de humildade aos que pretendiam os primeiros lugares no reino de Deus. Depois de lhes ter dito: «O maior entre vós seja como o menor, e quem governa como quem serve», Jesus, acrescentando o exemplo ao preceito, lavou os pés dos discípulos (Luc. 22:26,27).

É aqui que temos de colocar cronologicamente a narrativa de João 13, que Lucas passou em silêncio.

Símbolo de purificação

Se todos estão de acordo para tirar uma lição de humildade da narrativa de João 13, não se passa o mesmo quando se trata de dar a esta prática o carácter de um símbolo de purificação. A maioria dos cristãos de nossos dias, tanto católicos como protestantes, não vêem nesta página do Evangelho senão um modo ocasional pelo qual Jesus acentuou um dever moral quotidiano; recusam-se a ver nele um rito com um alcance simbólico bem determinado, com detrimento do sentido literal do texto. Toda a sua demonstração repousa sobre esta frase de Jesus: «Porque Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também.» (Vers. 15).

F. Godet observa a este propósito: «Desde o quarto século, a Igreja encontrou, nos versículos 14 e 15, a instituição de um rito, e sabe-se no que esta cerimónia se converteu, onde ainda é materialmente praticada. Mas nem o termo *exemplo*, nem o plural *estas coisas* (Vers. 17) convêm à ideia de uma instituição, e no vers. 15 Jesus deveria ter dito *o que* em vez de *como*.» (*Commentaire év. de Jean*, Tome III, p. 348).

Quanto a Luís Bonnet no seu Novo Testamento comentado, escreve a este respeito: «Temos explicado num sentido moral estas palavras: Deveis também lavar os pés uns aos outros. É esse sentido que importa, mas acautelemo-nos com o excluir o sentido literal, se tal dever é necessário». E acrescenta: «A Igreja muitas vezes o entendeu assim.»

A palavra de Jesus a Pedro não deixa todavia dúvida alguma a este respeito: «Se Eu te não lavar, não tens parte comigo», e acrescenta, quando Simão quer ser todo banhado (vers. 8): «Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo.»

Se se pode admitir um comentário do vers. 15 que exclua o rito, salientando uni-

camente o preceito moral de humildade e de caridade, o mesmo não se passa com as duas frases citadas. Aqui impõe-se o sentido literal, que designa evidentemente o baptismo. Quanto ao lava-pés, acto quotidianamente repetido, não pode representar senão uma purificação das manchas contraídas depois do banho, ou, noutros termos, a lavagem dos pés é o símbolo da purificação quotidiana dos pecados contraídos diariamente no caminho da vida, depois do baptismo.

De resto, numerosos autores, tanto católicos como protestantes, o têm compreendido assim.

Os antigos autores eclesiásticos até aos séculos XII e XIII falaram do lava-pés como de um sacramento (sacramentum), dando a este rito o sentido de sinal visível, de uma operação espiritual invisível.

S. Bernardo é quem melhor dissertou sobre o assunto do lava-pés. Num sermão célebre, intitulado «Sermo in Coena Domini», que o *Dict. de Théol. Cathol.* (artigo «Lavement des pieds») cita quase na íntegra, extraímos a seguinte passagem:

«Chama-se 'sacramentum' um sinal sagrado ou uma coisa ao mesmo tempo sagrada e secreta... Assim o Senhor, aproximando-se da Sua paixão, quis investir-nos da Sua graça, ocultando o dom invisível sob um sinal visível. Foi para este fim que se instituíram todos os sacramentos, a recepção da eucaristia, o lava-pés, o próprio baptismo, princípio de todos os sacramentos que nos assimilam à morte de Cristo...

«Para que não duvidemos da remissão dos pecados quotidianos, temos a sua figura no lava-pés (sacramentum ejus habemus, pedum ablutionem)».

É necessário praticar este rito?

Atendo-nos às palavras do Senhor, não resta dúvida alguma. Estamos em presença de uma ordem formal: «Ora se Eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também.» João 13:14,15.

Comentando estas palavras, a Sr.^a E. G. White escreve: «Nestas palavras Cristo não somente estava ordenando a prática da hospitalidade. Queria significar mais do que a lavagem dos pés dos hóspedes para tirar-lhes o pó dos caminhos. Cristo estava aí instituindo um serviço religioso.

Pelo acto de nosso Senhor, esta cerimónia humilhante tornou-se uma cerimónia consagrada. Devia ser observada pelos discípulos, a fim de poderem conservar sempre em mente Suas lições de humildade e serviço.» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 486).

É espantoso que a Igreja cristã na sua quase totalidade tenha cessado de praticar este rito simbólico ao passo que conservou outros menos claramente formulados nas Escrituras. O *Dictionnaire de Théologie Catholique* exprime, de alguma maneira, o seu espanto a este respeito quando reconhece, com bastante honestidade, o lugar de destaque que esta instituição ocupa no Evangelho: «Uma circunstância particular devia com efeito chamar a atenção para o lava-pés. É que esta prática parece clara e formalmente prescrita por Jesus Cristo.» E o autor acrescenta: «Se houvesse em favor de alguns dos nossos sacramentos, como por exemplo o da confirmação, um texto evangélico tão formal, não hesitaríamos em ver nele a instituição divina de um sacramento.» (Col. 35).

Os primeiros cristãos parecem ter feito caso do símbolo instituído pelo Senhor, porque Paulo inclui nos deveres da viúva que aspira ser consagrada a Deus o hábito de «lavar os pés dos santos» (1 Tim 5:10).

A atitude da Igreja nos primeiros séculos que se seguiram à era apostólica acerca do lava-pés não é muito conhecida, porque os documentos são raros e por vezes imprecisos. Não obstante, não devemos passar em silêncio, num estudo sobre este assunto, certos textos cuja autenticidade é admitida. Podem ser classificados em dois grupos. Os que mencionam o lava-pés como uma cerimónia que acompanha o baptismo e os que referem uma cerimónia praticada na quinta-feira santa pelo bispo de certas dioceses.

Sabe-se que nalgumas regiões da Itália, em Milão, por exemplo, como na Gália, antes ou depois de cada baptismo, «o bispo, com os rins cingidos, lavava os pés aos neófitos» (Mgr. Duchesne, *Origine du Culte Chrétien*, p. 345).

É a este uso que faz alusão um autor desconhecido do IV século, numa obra intitulada *De Sacramentis* (*Patrol. Latina*, t. XVI, col. 432).

Comparando o uso das igrejas de Milão e de Roma, o autor escreve: «Não ignoramos que a igreja romana não tem este uso, ao passo que em todas as coisas seguimos

os seus exemplos e as suas práticas. Ela não tem este costume do lava-pés. Talvez seja devido ao grande número que renunciou a ele. Há todavia pessoas que procuram uma desculpa.» Não é, dizem, a título de rito simbólico, nem por altura do baptismo, nem na conversão que é necessário praticar o lava-pés. É aos hóspedes que é necessário lavar os pés.

«Outra é a prática da humildade, outro o rito que a santifica. Mas escutai porque deve ser também um rito simbólico e santificador.» E tendo citado as palavras de Jesus: «Se Eu te não lavar, não tens parte comigo», o autor continua:

«Digo isto, não para censurar os outros, mas para recomendar os meus próprios usos. Em todas estas coisas desejo seguir a igreja romana, mas nós também somos homens e temos também inteligência. É por isso que onde noutra parte se faz melhor, nós também o observamos como melhor. É o apóstolo Pedro que seguimos, é à sua devoção que nos unimos.»

Numa carta célebre, Santo Agostinho (+430) enumera os diversos usos litúrgicos, a propósito dos quais salienta divergências notáveis segundo as regiões. Falando da questão do lava-pés, escreve:

«Quanto à lavagem dos pés, recomendada pelo Senhor como um modelo de humildade que viera ensinar, perguntou-se em que momento de preferência convinha acrescentar, num ponto desta importância, o exemplo ao preceito. A resposta óbvia, é de o fazer no momento em que a recomendação se impõe mais ao respeito.»

Resposta imprecisa, o bispo de Hipona não quer decidir um problema controvertido. Não parece tomar posição nem pelo rito praticado em data fixa, nem por uma cerimónia acompanhando o baptismo. Acrescenta:

«Mas com receio de que este uso parecesse pertencer ao próprio rito do baptismo, muitos não o têm querido aceitar. Alguns não têm receio de o abolir. Outros, querendo ao mesmo tempo recomendar esta prática e distingui-la do rito do baptismo, escolheram para este efeito quer o terceiro dia da oitava, quer o próprio dia do oitava.» (Carta *Ad Jannarim*, C. XVIII, n.º 33. *Patrol. Latina*, XXXIII, col. 216).

Esta passagem de Agostinho mostra-nos que a teologia do século V não era muito precisa sobre o assunto, e que, se este rito era praticado, diferia segundo as regiões.

Foi em Espanha que o lava-pés, rito

baptismal, parece ter-se mantido mais vivaz, porque para o abolir foi preciso nada menos que o decreto de um concílio. Com efeito, o cânon 48 do Concílio de Elvira, que se realizou em 324, interdizia aos bispos e aos presbíteros que lavassem os pés dos catecúmenos por altura das cerimónias baptismas.

Por sua vez, no Concílio de Toledo, em 694, este rito foi prescrito nos seguintes termos: «O lava-pés que teve lugar um dia na Ceia do Senhor, caiu em desuso nalguns lugares; deve ser restabelecido por toda a parte.» (Cânon 3, Hefele, *Histoire des Conciles*, Tom. III, p. 586).

Foi sob esta forma de prática ritual que se conservou melhor, praticando-a ainda hoje a Igreja Católica neste dia em que um bispo imitando o gesto do Mestre lava os pés a crianças.

Encontram-se também frequentes menções do lava-pés nos antigos documentos da história monástica. Parece que este uso estava muito espalhado nos primeiros mosteiros, pois que a regra de S. Bento (c. XXXV) a prescreve todos os Sábados, tanto como regra de limpeza como prática de piedade.

Foi o desenvolvimento deste hábito que deu origem à cerimónia litúrgica de quinta-feira santa de que faz menção o concílio de Toledo, em 694.

Quando se deve praticar?

Não pensamos que esta prática deva acompanhar o baptismo, porque nenhum texto do Novo Testamento o sugere, e o

baptismo, banho completo, símbolo do novo nascimento e da regeneração espiritual, implica a lavagem dos pés.

Quanto a fazer dele uma cerimónia ritual repetida em data fixa, isso não está escrito em parte alguma e não podemos aceitar.

Instituído pelo Mestre, antes do banquete eucarístico, o lava-pés encontrará na igreja o seu verdadeiro lugar, cada vez que cristãos, em memória d'Ele, celebrem a Sua morte pela fracção do pão.

Este serviço da «Santa Ceia», chamado também «comunhão» porque então a Igreja comunica com o Mestre em Sua morte expiatória, implica igualmente de Seu corpo místico uma comunhão íntima entre os diversos membros que o compõem.

É em vão que irmãos procuram a graça e o perdão de seus pecados junto do Senhor, se não têm antes perdoado as suas faltas mútuas. Visto sob este ângulo, o lava-pés é uma santa prática, cujo alcance espiritual não passa despercebido a ninguém.

É o irmão que, humilhando-se perante seu irmão, lhe lava os pés garantindo-lhe o perdão das ofensas que lhe tenha podido fazer; este último, por sua vez, humilhado, fazendo-lhe o mesmo. Cerimónia simbólica de arrependimento dos males mutuamente causados, o lava-pés apresenta-se-nos como o meio divinamente estabelecido para humilhar cada membro da Igreja, fazer reinar a paz e a concórdia, preparando assim os irmãos, unidos numa caridade comum, a comungar com o seu Senhor, morte por todos.

As mães na história do povo de Deus

MÃE — é dos primeiros vagidos que balbucia uma criança pouco depois do seu nascimento.

Crêem alguns etimologistas que a sílaba inicial, desta palavra «mãe», é uma voz imitativa e infantil e assim se explicaria a grande analogia do termo em tantas outras línguas, como, por exemplo: no grego, *Meter*; no latim, *Mater*; no inglês, *Mother*; no francês, *Mère*.

Com efeito, este vocábulo oferece a letra «m» radical, que é uma das labiais que as crianças pronunciam com mais facilidade. No entanto, não parece ser suficiente razão

para admitir aquela hipótese. Outros lhe quererão dar, porventura, significação diferente; é assunto que não nos interessa muito.

Não podia haver maior maldição para uma mulher israelita do que ser «estéril», não ter a alegria de ver nascer no seu lar uma criança. Vemos isto identificado em muitos casos das Sagradas Escrituras. Sara, esposa de Abraão, orava, fervorosamente, ao Senhor que lhe concedesse um filho que seria o herdeiro, o mordomo da

sua casa. E, embora já velha, teve essa bênção de Deus, revelada no nascimento de seu filho Isaac.

Quem não conhecerá a história de Ana, esposa de Elcana, e mãe de Samuel? Elcana tinha duas mulheres: Ana e Penina; esta «tinha sete filhos, porém Ana não tinha filhos». Eis a razão que levava Ana a orar ao Senhor com amargura de alma e chorar abundantemente.

Deus, que nunca se mostra indiferente com os Seus filhos, atendeu às suas súplicas, concedendo-lhe um filho. Chamou-se, ele, Samuel, que quer dizer: «ouvido por Deus».

E, com que carinho, com que amor, com que dedicação não criaram estas mães os seus filhos e que cuidado não tiveram elas em conduzi-los a Deus!

O primeiro, Isaac, foi um homem temente ao Senhor, fiel em todos os Seus mandamentos. Por isso, Deus fê-lo, conforme a promessa, pai de uma grande nação.

Samuel, foi um preciosíssimo tesouro para o Israel de Deus — um homem útil, com um carácter bem formado e que era firme como uma rocha no que dizia respeito aos princípios.

Fora, sua mãe, Ana, a mulher de oração, de renúncia, de inspiração celestial. Por isso foi, seu filho, a criança instruída pelo céu, o juiz incorruptível, o fundador das Escolas de Israel.

Que teria feito Moisés, o símbolo da mansidão, da fé e da pureza, se não fora a sua mãe, Jochebed? Teria ele sido um instrumento tão eficaz, tão precioso nas mãos de Deus para libertar o Seu povo Israel da sujeição férrea dos Egípcios, se não recebesse uma educação, pura e cristã, de sua mãe? Podemos afirmar que não.

Apenas durante doze anos fora amparado com o cuidado do lar, na sua infância; não obstante, as mesmas influências que haviam modelado a vida de José do Egípto e de Daniel, tinham já modelado a sua.

Embora tenhamos de concordar que até à idade de doze anos é muito difícil que a mãe exerça toda a sua influência sobre o filho — podemos verificá-lo connosco mesmos — contudo, foi este o tempo suficiente para que se lançasse o fundamento da grandeza de Moisés, o maior general e o maior legislador de todos os tempos. Segundo nos afirma o livro de Deuteronomio: «nunca mais se levantou em Israel

profeta algum como Moisés, a quem o Senhor conhecera cara a cara» (Deut. 34:10).

«Toda a vida futura de Moisés, a grande missão que ele cumpriu, como chefe de Israel, testificam da importância da obra de uma mãe cristã. Não há outro trabalho que possa igualar a este» (*P. Profetas*, p. 264).

O amor de mãe pelo filho aparece muitas vezes consignado na Bíblia. É Agar que não quer ver morrer o seu filho no deserto e chora longe dele (Gén. 21:14-16); a mãe de Moisés vigia o seu filho confiado às águas do Nilo (Éx. 11:2-9); Ana toma cuidado de Samuel (I Sam. 1:22-24); a pobre prostituta que comparece no tribunal de Salomão e prefere entregar o filho à sua rival a deixá-lo perecer (I Sam. 3:26,27); etc., etc.

O amor de mãe é muitas vezes tomado como termo de comparação para caracterizar o amor de Deus. «Como uma mãe consola a seu filho, assim Deus consolará a Jerusalém» (Isa. 66:13); «o Altíssimo é mais misericordioso que uma mãe» (Ecles. 3:11).

No lar dos Hebreus era o pai quem exercia a autoridade na família; mas era a mãe — como em todos os países onde é uso a poligamia — a quem estava reservada a educação dos filhos. Cada mãe de família habitava, ordinariamente, à parte, com os seus filhos, separada das outras mulheres e dos outros filhos de seu marido; era o único meio de evitar as questões, assaz frequentes, suscitadas pelo ciúme das diversas esposas do mesmo marido. Este, por outro lado, não se podia ocupar da educação de seus filhos, dado o seu grande número e, ainda, pelas muitas ocupações exteriores que ele tinha.

Estando, assim, a educação dos filhos confiada à mãe, compreende-se melhor o quanto era importante que os Hebreus não se casassem com mulheres pagãs!

Dissemos que as mulheres só se ocupavam com a educação de seus filhos. Em certos casos, porém, ela intervinha, na ausência do pai de família. Assim, por exemplo, Agar, com quem Abraão não se podia ocupar, procura uma esposa para o seu filho Ismael.

Dirijamos, agora, a nossa atenção para uma mãe do Novo Testamento. Trata-se da Virgem Maria, a mãe de Jesus.

Não entraremos em pormenores sobre o nascimento de Jesus Cristo e sobre os

episódios lindíssimos que estão ligados a este glorioso facto. Focaremos, apenas, a sua educação, ministrada por seus pais, especialmente por Maria.

O princípio da vida de Jesus em Nazareth é muito idêntico ao dos grandes homens de que já fizemos referência. A respeito da infância de Samuel lemos o seguinte: «E o mancebo Samuel ia crescendo, e fazia-se agradável, tanto para com Deus, como também para com os homens» (I Sam. 2:26). O mesmo se lê a respeito do Menino Jesus: «E crescia Jesus em sabedoria e em estatura, e em graça para com Deus e os homens» (Luc. 2:52).

A semelhança do que sucedeu com Moisés, com Samuel e outros, eram os pais de Jesus os seus únicos e melhores mestres, melhores professores, melhores conselheiros.

A virgem Maria sabia que Jesus era o Salvador do mundo, o Redentor da humanidade. Não obstante, exercia a mesma autoridade como se se tratasse de qualquer outro filho. Cuida d'Ele e ampara-O até à idade madura. Interessa-se bastante por Ele, durante o Seu ministério, segundo depreendemos de Mateus 12:47.

Provavelmente, Maria acompanhava,

com satisfação, o seu Divino Filho, quando Ele andava com os Seus discípulos e com as santas mulheres. Ainda O acompanha — Mater dolorosa — ao infame patíbulo do Calvário!

Jesus também amava verdadeiramente a sua mãe e, poucos momentos antes de exalar o último suspiro, olhou para ela com aquele olhar repassado de ternura e amor filial, único e indivisível, apontando-lhe o Seu discípulo amado e diz-lhe: «Eis aí o teu filho».

No dizer do grande mestre da língua portuguesa e orador consumado, Padre António Vieira, «a glória de ser pai é, na verdade, descolorida perante as glórias da maternidade».

O mundo não poderá ser regenerado sem o concurso consciente das mães cristãs, porque Deus confiou à mulher o berço do homem, e no berço está quase tudo... Isto mostra-nos o grande dever e obrigação que temos de pugnar, quanto estiver ao nosso alcance, pela educação das meninas que, amanhã, terão de ser mães, segundo a ordem da Natureza.

Juvenal Gomes

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Mil baptismos através da Voz da Profecia no Japão

A obra da Voz da Profecia avança no Japão. A sr.^a Eldridge, directora da Voz da Profecia naquele campo, escreve que desde o início do Curso Bíblico por Correspondência em 1947, houve 95.145 inscrições, tendo recebido o diploma 14.808, e tendo-se baptizado 1.088.

A aventura de distribuir convites para a Escola Rádio-Postal teve como resultado muitos contactos interessantes», escreve a Irmã Eldridge. «Por exemplo, em certa altura aqui em Tóquio, num comboio eléctrico, um rapaz levantou-se para me ceder o seu lugar. Meu marido estava comigo, e aproveitou logo a oportunidade para dar ao jovem e ao seu companheiro um boletim de inscrição. Depois de terem olhado atentamente para o boletim, notei que um deles abriu a sua pasta, tirando dela um pequeno dossier. Perguntou-nos então: Não é disto

que se trata? Apresentou-nos o seu dossier que continha as lições da Voz da Profecia que tinha estado a estudar.» — *Paul Wickman*.

A Coreia do Sul abre-se para o evangelismo

Clinton W. Lee, presidente da União Coreana, escrevendo a um dos secretários departamentais da Conferência Geral, diz:

«A igreja está desperta. As grandes dificuldades suportadas pelos crentes apenas fizeram com que se aproximassem mais de Deus em consagração. O país está aberto para o evangelismo. No último ano tivemos mais baptismos do que em qualquer ano anterior da nossa história, e esperamos dobrar os nossos baptismos este ano. Onde quer que façamos reuniões as salas enchem-se. Cremos que devemos trabalhar agora durante o que se nos afigura ser a undécima hora, sob pena de

perdermos a oportunidade de colhermos muito precioso grão.

«Pusan passou de uma pequena cidade para uma metrópole, e as suas ruas fervilham com pessoas de todas as partes. Tem sido nossa praxe na Coreia que as pessoas provejam seus próprios lugares de culto. Em Pusan temos três igrejas e três pequenas salas que estão sempre repletas. Mas não temos um local como centro de evangelização...

«Duas de nossas igrejas em Seul foram destruídas por bombardeamentos e outras foram seriamente danificadas. Nesta cidade não temos um local conveniente para levar avante um esforço de evangelização. A população usual de Seul é de cerca de um milhão e meio. Agora tem cerca de metade da população normal. A porta está aberta para um activo trabalho de ganhar almas.»

Colportores ganhadores de almas

Na União do Pacífico (Estados Unidos), durante o ano de 1951 os nossos colportores fizeram acompanhar os seus relatórios de vendas dos seguintes relatórios missionários: baptismos como resultado de contactos de colportores, 204; pessoas levadas pelos colportores a assistirem às nossas reuniões, 441; pessoas que, através dos contactos dos colportores, ficaram a receber estudos bíblicos, 914; pessoas que através dos colportores se inscreveram no Curso da Escola Rádio-Postal, 6.241.

Privilégios concedidos para a observância do Sábado no exército

Causa-nos prazer o reconhecimento que foi dado nas forças militares dos Estados Unidos às convicções e observâncias religiosas do pessoal das forças armadas. Pode anunciar-se agora que todos os quatro ramos dos serviços militares da nação publicaram ordens que habilitam os observadores do Sábado nas forças militares a observarem o Sábado bíblico desde o pôr do sol de Sexta-feira até ao pôr do sol de Sábado. A Marinha deu o exemplo pelo Artigo C-12201 (2) do Manual da Direcção do Pessoal da Marinha, afirmando: «Os membros dos serviços da marinha... cujas fortes convicções religiosas obriguem a observar outro dia diferente do Domingo como seu dia de repouso, e a evitar no seu dia de repouso qualquer trabalho que não

seja indispensável, têm direito a ser respeitadas a sua convicção religiosa.» A Marinha autoriza em seguida os oficiais de comando a concederem aos seus homens a oportunidade de «observar os requisitos dos seus princípios religiosos».

As forças de Infantaria de Marinha (Marines), pela Ordem Geral N.º 99, intitulada «Observância do Sábado», publicaram recentemente uma decisão semelhante. O regulamento do Sábado nas Forças Aéreas, no Parágrafo 11-c, AFR 165-3, seguiu a mesma norma, e agora o Departamento do Exército, pelo Regulamento do Exército, n.º 660-20, tomou a mesma atitude das outras três forças. — *Carlyle B. Haynes.*

A Rainha-Mãe de Inglaterra recebe um livro devocional adventista

Em 11 de Fevereiro o corpo do falecido rei Jorge VI da Inglaterra foi transportado de Sandringham para a Abadia de Westminster. Nessa mesma manhã Nelson H. Knight e o seu reduzido pessoal em Londres leram o texto da Devoção Matinal e o comentário por W. B. Ochs, *In the Morning*, no culto da manhã. O assunto era «Esperança da Ressurreição». Pensando que constituiria um grande conforto para Sua Majestade, a Rainha-Mãe, enviaram-lhe imediatamente um exemplar com uma mensagem de simpatia apropriada à sua dor.

Em 6 de Março foi recebida a seguinte carta de resposta: «A Rainha Isabel, a Rainha-Mãe, incumbe-me de agradecer calorosamente à Direcção Missionária dos Adventistas do Sétimo Dia pela sua mensagem e pelo livro *In the Morning*. Sua majestade sente-se grandemente fortalecida pela bondade e simpatia com que é cercada nesta altura.» — *L. A. Skinner.*

Assinar a «REVISTA ADVENTISTA»
corresponde a ter à mão um repositório
de artigos do máximo interesse espiritual,
directrizes seguras para a marcha dos diferentes
Departamentos e as notícias mais interessantes
do Movimento Adventista através do Mundo e do campo português.

À Margem do Centenário da Escola Sabatina

II

Os Começos — A tarefa actual

O estudo esclarecido dos acontecimentos do passado — qualquer que seja a natureza desses acontecimentos — permite ao que a eles se entrega orientar-se melhor no presente e mesmo no futuro. Isto explica porque as instituições escolares em geral atribuem um papel importante à História nos seus programas de estudos. Nós também, como povo adventista, devemos tomar a peito a consideração das experiências do passado a fim de extrair delas lições e motivos de encorajamento. O Irmão Moffitt, secretário do Departamento da Escola Sabatina da Conferência Geral, reconheceu esta necessidade quando escreveu, no número de Janeiro de 1951 do *Sabbath School Worker*, as seguintes linhas acerca do centenário da Escola Sabatina:

«Os anos que decorreram de 1852 a 1952 constituem verdadeiramente um século de progresso no domínio da Escola Sabatina. Desde os humildes primórdios desta obra, em Rochester (Nova Iorque), em Agosto de 1852, assinalados pelo aparecimento das primeiras lições da Escola Sabatina no primeiro exemplar do jornal *The Kouth's Instructor*, até à hora presente em que a difusão destas mesmas lições se faz em duzentas línguas e dialectos diferentes, a bênção excepcional de Deus tem repousado sobre as actividades da Escola Sabatina.»

Na Europa, a Suíça foi o primeiro país em que a Escola Sabatina entrou em acção. O mais antigo documento a apoiar este facto, e ainda existente, é uma série de exemplares dos *Signes des Temps*, impressa em Basileia em 1876. Pertence actualmente ao Ir. Jean Vuilleumier, de Lausana. O conselho de redacção do jornal era nessa altura constituído pelos irmãos Alberto Vuilleumier, J. E. Dietschy, James White, J. N. Andrews e Uriah Smith, desempenhando igualmente estes três últimos as funções de redactores.

É no terceiro número desta colecção, datado do mês de Setembro de 1876, que se encontra a primeira lição da Escola Sabatina impressa em língua francesa, de que possuímos ainda um exemplar. Tem o número 5. Nos três exemplares seguintes

apareceram outras lições, intituladas respectivamente: «O dilúvio», «Noé e seus filhos», «Vocação de Abraão» e «Abraão e Lot».

No número dos *Signes des Temps*, de Outubro de 1876, encontra-se um artigo da Irmã White, com o título: «Nossos deveres para com as crianças». Os pioneiros do nosso Movimento interessavam-se, pois, pelos jovens e tomavam a peito vê-los entrar na Igreja. Façamos o mesmo e, sem negligenciar os adultos, procuremos dar a nossos filhos uma boa formação religiosa; temos à nossa disposição para isso as nossas igrejas, nossas instituições escolares e, sobretudo, nossas classes da Escola Sabatina.

No segundo volume do mesmo jornal, e desde o primeiro número do volume, um de nossos membros de igreja, Luís Auranc, professor em Locle (Suíça), fez aparecer uma série de lições ao mesmo tempo que o Ir. G. H. Bell, professor na escola missionária de Battle Creek, nos Estados Unidos. É caso para perguntar porque na mesma época apareceram no nosso jornal duas séries de estudos bíblicos tratando de assuntos diferentes. É possível que nessa altura se tenha já sentido a necessidade de adaptar as lições à mentalidade dos adultos por um lado e à das crianças por outro, o que explica porque se tenha recorrido aos trabalhos destes dois irmãos. Pela sua colaboração a tal obra, aproximam — ainda antes da sua organização administrativa — os departamentos da Escola Sabatina e da Educação.

Mas foi só em 1878, no oitavo número do segundo volume dos *Signes des Temps*, que a expressão «Escola Sabatina» aparece. Desde Janeiro de 1879, o Ir. Bell é o único a assinar as lições que aparecem neste jornal.

De todas estas observações ressalta que os primeiros planos de estudo da Bíblia, editados na Europa e designados mais tarde sob o nome de *Lições da Escola Sabatina*, foram preparados em Basileia em 1876. Daí a deduzir que uma «Escola Sabatina» se reunia já nessa cidade não vai senão um passo, tanto mais que o Ir. J. N. Andrews conhecia a importância que esta organização tomara na América do Norte desde 1852.

Todavia, certos membros adventistas antigos da Suíça Romanda afirmam que foi na parte francesa do seu país, mais exactamente em Tramelan, no Jura, que apareceu a primeira Escola Sabatina, e isso em 1866. Este ponto necessita de ser esclarecido, em face da sua importância histórica para a denominação. Seja qual for o resultado das investigações, ele não diminuirá em nada o valor do trabalho realizado na sede de Basileia, onde se encontravam na altura os irmãos dirigentes da nossa obra na Europa e onde a própria Irmã White esteve diversas vezes.

No fim de 1951, a igreja de Tramelan contava 21 membros e 24 alunos da Escola Sabatina. Na mesma data, a igreja de Basileia, que reúne um total de 324 membros, tinha uma Escola Sabatina de 187 alunos. Agradecemos a Deus pelos progressos realizados nestas duas igrejas, tão ricas em tradições adventistas!

Depois de nos termos curvado sobre os acontecimentos passados, depois de termos estudado as primeiras disposições tomadas em favor do desenvolvimento da Escola Sabatina, vejamos quais são os esforços que poderíamos fazer *agora* para levar esta bela obra ao seu pleno desenvolvimento. Neste ano que marca o centésimo aniversário da sua fundação, não podemos exprimir melhor o nosso reconhecimento a Deus pelos sucessos, passados do que tomando a resolução de continuar a nossa marcha para a frente. Eis algumas sugestões que nos auxiliarão a realizar este projecto:

1. «O centenário da Escola Sabatina devia compreender muito mais do que a come-

moração das vitórias obtidas no passado: devia assinalar uma renovação da nossa consagração à tarefa ainda por acabar.» — L. L. Moffitt.

2. Procuremos manter e aumentar o número dos membros de nossas escolas, cercado com os nossos cuidados os que têm falta de zelo e convidando *todos* os membros de igreja ao estudo da Palavra em comum, no Sábado de manhã.

3. Unamos os nossos esforços aos dos outros departamentos por altura das campanhas de evangelização, a fim de trazer às nossas classes um número cada vez maior de pessoas interessadas. Pensemos na escola, falemos dela ao nosso redor, auxiliemo-la por todos os meios de que dispomos e, sobretudo, oremos por ela.

4. Procuremos, durante este ano, melhorar a nossa escola local. Por exemplo, modifiquemos a sua organização, se for deficiente; esforcemo-nos por fazer nascer um espírito de mais estreita colaboração entre os membros dirigentes; introduzamos talvez alguma novidade no programa habitual, ou procuremos algum instrumento de trabalho que até aqui nos tenha faltado. Não faltam as iniciativas a tomar! Basta um pouco de auxílio e de boa vontade da parte de cada um.

5. Finalmente, façamos um novo esforço para que o total das ofertas em 1952 seja vantajosamente comparado ao dos anos precedentes.

Não receemos os obstáculos. Vencemos os do passado, e poderemos vencer os do futuro. «Se Deus é por nós, quem será contra nós?» (Rom. 8:31).

A. Dias Gomes

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

Relatório de Março de 1952

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
Adelino N. Diogo	176	4 975\$00	280\$00	5.255\$00
Diversos	183	2.325\$00	1.270\$00	3.595\$00
João J. Nobre	116	2.130\$00		2.130\$00
Isaías da Silva	135	1.980\$00		1.980\$00
José E. dos Santos	67	1.650\$00		1.650\$00
Maria L. Saboga	158		1.625\$00	1.625\$00
João António	140	1.455\$00		1.455\$00
Flora Saramago	156		1.175\$00	1.175\$00
Idalina Ferreira	27		1.055\$00	1.055\$00
António G. Duarte	15	445\$00	600\$00	1.045\$00
Júlia Costa	49		845\$00	845\$00
Rita Pinheiro	86		800\$00	800\$00
Júlia Sanches	156		675\$00	675\$00
Clemente A. Sales	13	450\$00		450\$00
	1.477	15.410\$00	8.325\$00	23.735\$00

O Secretário das Publicações
Fernando Mendes

Uma Escola Sabatina na Cadeia de Portalegre

É um facto que todos os membros de Igreja gostariam de poder dizer, falando-se da Escola Sabatina: «A minha é um modelo». Que bom seria se assim fosse. Mas a verdade é que isso não acontece porque há sempre imperfeições, não obstante o nosso constante esforço para as sanar. No entanto, aparece aqui e ali, uma ou outra Escola Sabatina que é um prazer. Assisti há bem poucos dias a uma nesse género. Sabia que o nosso Irmão J. Laranjeira fazia cultos na Cadeia e prontifiquei-me a ir assistir. O nosso Irmão estava muito satisfeito com o trabalho ali. Fui ver. Entrámos na cela. Muitos estavam ainda deitados. Foi questão de minutos. Logo todos estavam prontos e mesmo ali, de pé, formando roda, demos início aos nossos trabalhos. Enquanto o nosso Irmão fazia a chamada eu ia contando... um... dois... três... quatro... Total: quinze presentes. Presentes inscritos. Havia muitos mais que foram contados como visitas. Estudo diária quinze também. Maravilhoso, disse de mim para mim. Tomara eu que a minha Igreja fosse da mesma maneira... Dei começo à lição. Francamente nunca vi alunos tão atentos. Parecia que bebiam cada palavra da lição. Atentos. Respeitosos. Um deles «leu» a sua oração. Não estava acostumado a orar em público. Mas

que bela oração! Quando da chamada notei que um nome tinha sido riscado. Um aluno que «desistiu», pensei eu! Não. Um que tinha saído em liberdade. Ao despedir-se do Irmão Laranjeira prometeu continuar investigando a Verdade e desejar baptizar-se. Já tinha abandonado o fumo e o álcool. Garanto a todos os Irmãos que fiquei muito bem impressionado com aquele punhado de crentes. O Espírito de Deus actua e penetra em todos os lugares.

Consta, nos Livros das Actas da Escola Sabatina, quando do 13.º Sábado, o seguinte: «Também os crentes da Cadeia mereceram o seu Cartão de Honra. Enviaram a sua colecta de nove escudos, em selos, com a significativa mensagem: 'Sabemos que é pouco, mas é dado de todo o coração para os Campos Missionários.'»

Um pormenor que desejo levar ao vosso conhecimento. Um inquérito feito à conduta dos presos provou que aqueles crentes tinham sofrido uma radical mudança e isso deu ainda maior facilidade ao nosso trabalho ali. Irmãos, eu creio ser isto uma Escola Sabatina modelo. Que Deus ajude aquelas almas. Oremos para que aquelas almas possam dentro em breve sair em liberdade e se entreguem a Cristo. Que assim seja.

A. Miranda

DEPARTAMENTO DOS M. V.

AINDA A SEMANA DA JUVENTUDE

Já depois de composto o último número desta revista, chegaram-nos mais algumas notícias sobre o modo como decorreu a Semana da Juventude em diversas Sociedades, que passamos a transcrever:

Funchal — É com prazer que comunicamos aos nossos irmãos a maneira agradável como decorreu a Semana da Juventude na Igreja do Funchal.

Verificámos que uma média de sessenta pessoas, incluindo jovens e adultos, se mostraram assíduos às reuniões, o que já representa um grande esforço da parte dos

jovens, visto morarem, a maior parte, muito afastados da igreja. Apesar de tudo, notou-se um bom espírito de colaboração, tanto na apresentação de música, como na recitação de algumas poesias.

Foi uma semana cheia de bênçãos e departamento espiritual para todos os jovens pelos apelos a nós dirigidos para uma maior consagração ao Senhor.

Orai pela Juventude do Funchal para que possa responder a estes apelos de Deus, rendendo-se inteiramente ao seu Salvador. — *Maria Manuela Costa.*

S. Julião — No último dia da Semana da Juventude, em 15 de Março, inaugurámos

uma Sociedade de Jovens Missionários Voluntários, visto que nunca existiu nesta Igreja de S. Julião tal sociedade.

Temos vinte jovens inscritos com a graça de Deus.

Todos os jovens têm cooperado nas reuniões de 15 em 15 dias, com poesias, cânticos e passagens bíblicas. Alguns deles, em breve, com a ajuda de Deus, serão baptizados. Esperamos que esta juventude cresça em graça e sabedoria diante de Deus e dos homens. Em cada reunião da juventude a sala está sempre cheia, porque os pais dos jovens gostam de ouvir recitar. Assim os pais são atraídos para Deus por meio destes jovens. É admirável ver que alguns destes jovens vêm de muito longe — de Santo António das Areias, trinta quilómetros ida e volta. Em tudo isto vejo a mão de Deus guiando estas preciosas almas. Não se esqueçam, prezados jovens, de orar por esta Sociedade de M. V. de S. Julião. — *Eduardo Pinto da Silva.*

Cabo Verde — Do Boletim dos Departamentos da Missão Cabo-verdiana, extraímos as seguintes notícias:

«Continuam a chegar notícias desta Semana especial, dedicada aos novos, que retumbantemente ecoou por todas as ilhas o seu grito de convite à santificação dos nossos M. V.

«Aqui, em S. Vicente, foi um assunto de novidade para os poucos jovens que já temos. Decorreu normalmente e com boa assistência. Algumas das mensagens foram lidas por jovens, prestando outros a colaboração em cânticos. Tivemos no meio desta semana a cerimónia de investidura de alguns Amigos, em número de três.

«Temos notado o interesse com que estão sendo seguidas as Classes Progressivas, estimuladas por certo pelas cadernetas e distintivos.

«Temos aqui uma nova Sociedade de M. V., que vos cumprimenta, irmãs mais velhas, e deseja conviver de perto convosco. Somos catorze, número pequeno, mas esperamos em Deus que em breve possa crescer.

«Por carta do Ir. Morgado, sabemos que se efectuou brilhantemente na Praia a Semana da Juventude, encerrada com um passeio missionário ao interior da Ilha e uma festa de confraternização. Teve também lugar uma cerimónia de investidura de nove Amigos, que receberam o seu distintivo.

«Por sua vez escreve, do Fogo, o Ir. Gregório Rosa: 'Teve lugar, na época fixada, a Semana da Juventude, à qual não faltou a boa vontade e colaboração de todos, o que contribuiu para a fortificação de todos e proveito espiritual. A alegria dos corações, a satisfação das almas, a fruição das grandes bênçãos, a prontidão e zelo com que todos asseguraram estar dispostos a agir em prol da Obra, concordemente empenhados no grande movimento *Partilha a Tua Fé*, palavras animadoras que se fizeram ouvir tanto ao iniciar como ao terminar esta bendita Semana da Juventude, — tudo isto contribuiu para deixar desta Semana tão gratas recordações. A par das incessantes orações, intervaladas pelo ecoar de selectos cânticos espirituais, os jovens testemunharam também quanto desejam doravante ser fiéis aos princípios adventistas. O resultado mais feliz desta Semana da Juventude foi a preciosa dádiva que o Senhor concedeu, ao Seu grande exército espiritual do Fogo, de dois vigorosos jovens, um em S. Filipe e outro em Curral Grande.'

«Sabemos que na Brava não pôde ser feita a Semana da Juventude na data fixada, mas extraímos de uma carta do Ir. João Mendonça o seguinte: 'Não fizemos a Semana da Juventude como segue no calendário, mas preparámos um culto especial no Sábado, 15 do corrente, para a Juventude, e no Domingo seguinte uma outra reunião à noite, de interessantes e fervorosos apelos, tendo notado na assistência, que não era pequena, a respiração como que suspensa. Ao terminar a reunião, eles ainda se deixaram ficar nos bancos, exprimindo o desejo de ouvir mais. Quando me fui despedir da multidão, muitos dos jovens apertaram-me a mão calorosamente.'» — *Francisco Cordas.*

A PUBLICADORA ATLANTICO, LDA.

acaba de publicar mais um notável livro:

ASPECTOS DA IDADE ATÓMICA

por

DANIEL HAMMERLY DUPUY

Em 254 páginas, de leitura amena, apresenta o autor o significado religioso dos acontecimentos actuais

Para que um barco-dispensário em Madagascar?

Madagascar é uma ilha cuja superfície iguala as da França, da Bélgica e da Holanda reunidas. Parece tanto maior quanto é pouco povoada: cerca de 5 milhões de habitantes. Atingir toda a sua população repartida por 16 tribos é um problema difícil de resolver, porque as estradas são pouco numerosas e praticáveis em más condições. É necessário porém que a nossa mensagem seja pregada «a toda a nação, tribo, língua...» Os automóveis concedidos aos nossos missionários permitiram-nos penetrar no interior de regiões ainda inexploradas por nós, e de há quatro anos até agora temos começado a trabalhar em cinco novas tribos.

Infelizmente, há regiões, sobretudo no oeste malgache, onde os habitantes não se agrupam ao longo das estradas — tendo de abrir caminho através dos locais mais favoráveis — mas ao longo dos rios. E nestas regiões não existe nenhum outro meio de comunicação além da via fluvial. Por outro lado, numa extensão de cerca de 500 quilómetros, ao longo da costa oriental, que vai de 50 quilómetros ao norte a 450 quilómetros ao sul de Tamatave, um canal serve uma quantidade de aldeias mais ou menos importantes e que não se podem atingir senão em piroga ou lancha.

Também a Missão de Tamatave, se de-seja attingir as regiões povoadas do seu território, vê-se na obrigação de estudar a possibilidade de o fazer por meio de uma pequena embarcação. A necessidade deste meio de deslocação não passou despercebida a nenhum dos missionários que se têm curvado seriamente sobre o problema. É por isso que, há alguns anos, se fala em apetrechar o missionário de Tamatave com um pequeno barco que descesse o canal de Pangalanes e subisse as ribeiras que sulcam estas regiões, o que permitiria semear, nas aldeias disseminadas ao longo destas vias fluviais, a semente do Evangelho. Atingir as populações pela simples pregação é coisa interdita em Madagascar. Para pregar em público ou em particular, é necessária com efeito uma autorização passada pela Administração a pedido assinado pelo menos por dez indígenas. A prudência dos malgaches quando se trata de dar a sua assinatura torna quase impossí-

vel a penetração em novas regiões, sobretudo nas que ainda são pagãs.

A colportagem seria o meio ideal para o fazer, mas 9/10 dessas pessoas não sabem ler. A única possibilidade de que dispomos verdadeiramente é, pois, a obra médica e, temos de o dizer, é essa a obra mais urgente. É necessário estar no local para compreender até que ponto esta pobre gente, sobretudo as crianças, carece que nos curvemos sobre os seus males. A sífilis, a tuberculose e o paludismo, favorecidos pelo alcoolismo, fazem considerável número de vítimas. Grande é o sofrimento do povo malgache. Se, nos planaltos, todas as aldeias grandes possuem um posto de socorros, o mesmo não sucede na costa. Os habitantes dessas regiões não conhecem geralmente outros médicos além dos feiticeiros, que se comprazem em manter a ignorância e a deficiência física, a fim de conservarem a sua supremacia e assegurarem a fidelidade da sua clientela.

Imaginai, prezados leitores, o Vavolombelona («A Testemunha»), esse pequeno barco de uns dez metros, deslizando nas águas lípidas do canal ou avermelhadas das ribeiras. Ele faz escala em todas as aldeias. Sua consagrada tripulação penetra em cada cabana, curva-se com simpatia sobre os pobres doentes que gemem sob o peso do sofrimento. Nossos missionários prodigalizam os cuidados necessários com mansidão e competência, dão alguns medicamentos ao mesmo tempo que noções de higiene e de simples moral. Explicam em seguida afectuosamente que vêm em nome do grande Médico que cura não só o corpo mas também a alma... Chegada a noite, mostram num «écran», improvisado a bordo, lindas projecções coloridas que ilustram o que Jesus fez por nós. Quem dirá a influência abençoada que este perfume de amor e de esperança deixa por toda a parte após a sua passagem? Quem dirá também quantas vidas humanas terão sido arrebatadas à morte e às garras de Satanás, que reina soberanamente nestas populações deserdadas?

Este barco, concebido para alojar durante dias e mesmo semanas o missionário e a sua esposa, ambos com conhecimentos médicos, será disposto de maneira que os

doentes possam ser tratados a bordo, e será equipado para este efeito.

Provido de um motor, nosso navio poderá também navegar à vela. O Ir. Vervoort, antigo oficial de marinha, saberá tirar todo o partido de suas aptidões de marinheiro e missionário, e isso para maior benefício das populações da Missão de Tamatave, que dirige actualmente.

Este barco fará parte do equipamento da estação missionária de Tamatave, que está em vias de construção nas margens do rio Rianila. Este rio liga-se ao canal de Pangalanes, onde numerosas populações reclamam a presença de uma escola e a formação de obreiros bíblicos da tribo Betsimisaraka. Esta estação, provida de

uma instituição escolar e de um dispensário fixo, será o ponto de partida de uma acção intensa ao longo de todas as vias fluviais sobre as quais o nosso barco poderá navegar.

Além disso, o Vavolombelona permitirá a formação experimental dos jovens evangelistas chamados a sair de nossa estação e destinados a ser enviados como evangelistas-enfermeiros a essas numerosas tribos.

Que Deus apresse o dia em que este projecto, em estudo há já alguns anos, encontre a sua realização e em que se veja por fim levantar-se o sol do Evangelho e da saúde nas tribos do Oriente malgache.

H. Pichot

NOTÍCIAS DO CAMPO

É relativamente raro encontrarmos referências, em jornais portugueses, a actividades adventistas. Foi, pois, com prazer que lemos a seguinte informação publicada no «Diário de Notícias» de 15 de Abril do ano corrente: «Uma visita de senhoras adventistas aos calabouços do Torel — Com autorização superior, um grupo de senhoras, pertencente à Igreja Adventista, esteve ontem nos calabouços do Torel a distribuir laranjas e bolos pelos presos.»

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Setúbal

De uma carta do Ir. Juvenal Gomes, datada de 14 de Março, respigamos o seguinte trecho:

«Desde Janeiro que temos tido o esforço de evangelização — todos os domingos e quintas-feiras. Temos estado muito satisfeitos, pois a casa tem estado quase sempre repleta. No próximo sábado iniciaremos, querendo Deus, uma classe baptismal, talvez com umas oito ou dez pessoas. Algumas dessas pessoas já manifestaram o desejo de se baptizarem. Temo-las visitado em suas casas, esclarecendo-lhes algumas das suas dúvidas, e outras pessoas se têm reunido para ouvir. Tudo como resultado do esforço de evangelização.»

MISSÃO DE CABO VERDE

Praia

Depois de alguns meses de ausência, chegou a altura de a Igreja da Praia enviar as suas noções iniciaram-se com uma assistência superior nos encontramos aqui sòzinhos, devido à mudança de sede da Missão para S. Vicente. Data pois, dessa altura, também o início do esforço de evangelização, que se mantém sem desfalecer e com propósitos de continuar.

Pouco temos feito, mas Deus tem abençoado esse pouco que foi possível fazer. As nossas reuniões iniciaram-se com uma assistência superior a cento e cinquenta pessoas e tem-se mantido sempre regular. Muitas pessoas têm entrado em contacto connosco, uns pela primeira vez, outros novamente depois de algum tempo de ausência. Este departamento não chamou só a atenção da cidade, mas também do interior da ilha, a maior do arquipélago e com povoações muito importantes. Começaram a surgir pessoas que uma vez nos conheceram e que a pouco e pouco se davam a conhecer, e assim numas poucas de povoações temos hoje amigos a quem visitamos, e com quem estudamos as palavras de Deus. O nosso ponto de partida foi um mercado onde, aos domingos, se reúnem milhares de pessoas, dos mais variados pontos da ilha. Nos primeiros dias distribuimos

algumas centenas de folhetos e conseguimos alguns assinantes para a «Saúde e Lar». Que Deus possa abençoar esses folhetos, levados dali para terras bem longe, onde nunca conseguimos ainda entrar. Nesse mercado tomámos contacto com alguns antigos jovens, hoje dispersos, pelas necessidades da vida e que se alegraram ao ouvir falar de novo nos sabatistas. Noutra povoação, onde temos um enfermeiro amigo e interessado, que foi antigo jovem da igreja, tomámos também contacto com algumas pessoas, e esperamos que seja um novo grupo a surgir. Noutra povoação, uma família que frequentava a nossa igreja, e de que não havia notícias há muito tempo, foi «localizada» quando voltávamos, num domingo, desse mercado. Nessa mesma povoação, outra pessoa estuda a palavra de Deus, e devemos orar bastante para que Deus influencie o seu coração.

Estamos enviando através do correio folhetos a algumas pessoas, noutras povoações da ilha, que ainda não pudémos visitar.

As nossas reuniões da cidade têm sido acompanhadas com distribuição de folhetos e convites pelos jovens, e temos realizado as nossas reuniões de jovens com toda a regularidade e com a colaboração preciosa dos jovens que, com o seu coro, têm colaborado também nas reuniões de evangelização. Com filmes próprios temos realizado todos os quinze dias reuniões médico-misionárias, onde além de recomendações ilustradas pelos filmes, temos ensinado assuntos práticos para medicina caseira, receitas culinárias, etc.

A nossa escola sabatina infantil tem continuado com assistência crescente, especialmente dos mais novos, tendo bastante número de crianças, mesmo fora da escola. No último sábado tínhamos trinta e sete crianças. Em virtude deste aumento, pensamos arranjar uma sala para os mais pequenos, e assim foi inaugurada, no 13.º sábado deste trimestre. Com as suas mesas baixas, os seus quadros, o flanelógrafo, a caixa de areia, etc., esperamos que as nossas crianças possam começar a aprender a servir a Deus por processos que lhes são agradáveis. Esta sala foi possível devido ao aumento das receitas da sociedade missionária, especialmente com as assinaturas da revista «Saúde e Lar» que, se não fossem algumas desistências, estaríamos agora nas cinquenta. Que Deus possa ajudar-nos, nestes planos, para melhoramento da nossa igreja.

A escola sabatina dos adultos tem tido também uma assistência regular, e esperamos que o novo trimestre nos possa trazer novas vitórias, que este já as trouxe, tanto no campo administrativo como no das presenças.

Como acontecimento mais recente, eis a SEMANA DA JUVENTUDE, rica de bênçãos para

todos, e que foi completamente executada pela nossa juventude, desde os mais velhos aos mais novos.

Todos os dias tivemos as nossas reuniões, acompanhadas por música, coros e terminámos com uma festa, no domingo, onde se fez a investidura dos primeiros nove amigos desta sociedade dos jovens. Durante toda a semana tivemos a nossa sala cheia de jovens e pessoas mais velhas, que nos deram o calor da sua simpatia. Alguns jovens visitaram-nos pela primeira vez e outros que nos visitavam já há algum tempo ficaram fazendo parte da nossa sociedade.

Com a oferta levantada na festa, e outras que os jovens ofereceram como gratidão a Deus, alcançámos o nosso alvo deste ano, e mesmo foi ultrapassado.

Os jovens e os irmãos da igreja da Praia enviam-vos as suas saudações e pedem que os não esqueçam nas suas orações. E nós desejamos pedir a todos que nas suas orações não esqueçam esta igreja, numa terra de dificuldades e de miséria, mas que é preciso também evangelizar.

A nossa Sociedade de Dorcas a cargo de minha mulher está também em actividade. Além de auxílios diversos que quando é possível dá, mantém um grupo de trabalho para meninas, onde aprendem a fazer rendas, etc., e cujos trabalhos revertem a favor do fundo das Dorcas. Muito mais se poderia fazer neste sentido, mas com os meios de que dispomos, nada mais se poderá fazer por enquanto. As necessidades são muitas e as possibilidades poucas. Confrange ver tanta criança, especialmente a quem socorreríamos se tivéssemos outros meios, mas assim pouco podemos fazer.

Quando da próxima visita do sr. Cordas esperamos que se realizem os primeiros batismos deste ano, todos de jovens, que estamos preparando. Que Deus toque o coração de outros que nos ouvem, para se unirem à Sua Igreja.

A 30 de Março fizemos um passeio-missionário com alguns dos jovens a Santa Catarina, uma vilazinha tipo metropolitano, muito agradável e fresca. Aí, com os nossos cânticos, folhetos e contactos pessoais mesmo com as autoridades esperamos fazer dentro em breve uma reunião pública, numa sala, com alguns dos nossos filmes.
— J. Morgado.

MISSÃO DE MOÇAMBIQUE

Mungulúni

Recebi há pouco uma carta e um exemplar de «O Conflito dos Séculos» que tinha emprestado a um ministro metodista, que escreve: «Hoje mando o livro 'O Conflito dos Séculos', que para

mim foi como que uma fonte inesgotável das riquezas divinas preditas nas profecias! Lucrei muito com a sua leitura. Deus deu ao mundo uma heroína da fé na pessoa da sr.^a White. Se tiver mais literatura é favor mandar-me.» Creio que este homem não está longe de aceitar a verdade presente.

Recebi outra carta de um amigo português que está estudando a mensagem pela Escola Rádio-Postal e está lendo livros enviados de Lisboa. Diz ele em parte: «Estou lendo e apreciando muito os livros que recebi de Lisboa. É uma das leituras das mais lindas e de grandes ensinamentos que até à data tenho lido em toda a minha vida.» — *E. P. Mansell.*

Em 10 de Setembro de 1951, chegava a Lourenço Marques o Pastor R. Gerber, Tesoureiro da Divisão Sul-Europeia, em visita à Missão de Moçambique. Na «Revue Adventiste» de Março do ano corrente, escreve este nosso irmão um artigo, de que extraímos os seguintes parágrafos:

«Infelizmente não temos ainda igreja organizada nesta cidade (Lourenço Marques). Todavia ali encontrei dois membros, duas senhoras que foram baptizadas há anos na ilha Maurícia. O marido de uma delas deseja andar em toda a luz da mensagem adventista e, nesta altura, provavelmente já tomou plena posição neste sentido. Há outros interessados, e graças a contactos recentes com estes amigos podemos esperar um feliz desenvolvimento da obra neste centro onde uma escola sabatina funciona já regularmente. Tive ocasião de dar um estudo bíblico em casa de nossos dois membros, ao qual assistiram umas quinze pessoas.

«Em nossa curta estadia na Beira, encontramos um irmão indígena, empregado numa empresa comercial dessa importante cidade. Tem um fervoroso espírito missionário e conseguiu reconstituir um grupo de ouvintes de cerca de quarenta pessoas. A consagração do nosso irmão e o seu zelo ardente produzirão certamente frutos duradouros para a glória de Deus.

«Deixando a costa de Quelimane, dirigimo-nos, o irmão Mansell e eu, à nossa estação missionária de Munguluni, situada a cerca de 300 quilómetros no interior. Nesta estação, fundada em 1933, há uma bela capela, uma escola, um edifício para trabalhos manuais, um dispensário, alojamentos para os empregados indígenas e dois edi-

fícios que servem de habitação para os missionários. Estes últimos, duas famílias, estão bastante bem instalados, mas em todo o caso sem o conforto dos países civilizados. Não há electricidade, e como há pouca água, tem de ser utilizada com economia. Apesar destes inconvenientes e do isolamento, nossos missionários sentem-se felizes na realização da sua tarefa.

«Uma numerosa congregação se reúne cada Sábado na capela, tomando parte de uma maneira inteligente nos exercícios da escola sabatina e ouvindo atentamente a pregação da palavra de Deus no culto.

«Há uns sessenta alunos na escola de Munguluni, dirigida pelo missionário português Samuel José Graça.

«Numa aldeia a 25 quilómetros de Munguluni há uma capela e uma escola com cerca de 70 alunos. Há ainda outros postos avançados nos arredores e até uma distância de 80 quilómetros de Munguluni.

«Encontram-se belos exemplos de fidelidade nos nossos crentes indígenas. Citaram-me o caso de um jovem ao serviço de um administrador português, tendo ficado bem entendido que ele teria o Sábado livre. Passado tempo, não se cumprindo esta promessa e não querendo transgredir o quarto mandamento, o jovem deixou o seu lugar. Mais tarde, esse administrador pediu ao nosso irmão para voltar ao seu serviço. Este último disse-lhe: 'Mate-me já, mas não me peça para transgredir a lei de Deus'. Para ele, a morte era preferível à desobediência a Deus.»

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. P. Mansell, E. Miranda
e M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Colónias

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA